

## Reflexões sobre presença.

Mulheres da improvisação: Ana Emerich, Ivani Santana, Lúgia Tourinho, Liria Morays, Nara Figueiredo, Tania Marin Pérez, Walmeri Ribeiro.

**Resumo:** Este ensaio aborda a noção de presença em processos de improvisação, especialmente considerando sua ocorrência com a mediação tecnológica. Nossa proposta parte da improvisação *A-Round Table* e se desenvolve como escrita-performativa. Esta reflexão interativa e interdisciplinar acomoda as diferentes perspectivas das integrantes da conexão *Mulheres de Improvisação*, que convida a(o) leitora(o) a refletir sobre questões a partir de ideias, corporeidades, sons e imagens. A partir dessas performances e vivências, concluímos que a improvisação é um processo que sempre nos coloca diante de novas camadas e novos estados de presença e o atual contexto de relações virtuais nos traz diferentes possibilidades de nos sentirmos presentes.

## Introdução

Diante dos desafios das culturas digitais, das novas tecnologias, e da complexidade dos modelos de nossas sociedades e das diversas condições de vida em que nos vemos, torna-se premente a necessidade de lidar com a noção de presença e suas variedades. A presença é um aspecto chave dos processos de improvisação<sup>1</sup> e também um tema central na pesquisa sobre improvisação. E esse tema se faz urgente especialmente no contexto do ano pandêmico de 2020, em que as situações de contato virtual foram amplamente implementadas em nossas rotinas.

Nesse contexto, essa pesquisa em improvisação foi realizada virtualmente, em 2020, pela conexão<sup>2</sup> *Mulheres da Improvisação (MI)*<sup>3</sup>, ano em que criamos a performance *A-round table*, título que adquire um significado duplo em inglês, por

---

<sup>1</sup> Concebemos a improvisação como uma prática pertencente às artes performativas, mas estendendo-se também ao nosso cotidiano e às nossas relações sociais.

<sup>2</sup> Preferimos usar o termo “conexão” ao invés de “coletivo” como normalmente é adotado, considerando que nos estruturamos como indivíduos mantendo, desenvolvendo e aprimorando suas próprias perspectivas, mas também explorando profundamente os pontos de contato umas com as outras. Essa organização nos permite permanecer autônomas e desenvolver nossas pesquisas, reflexões e discussões em processos artísticos mutuamente facilitadores.

<sup>3</sup> A MI é uma conexão interdisciplinar formada por oito mulheres, em 2020. Somos pesquisadoras de diversas nacionalidades, atuando no Brasil. Somos artistas-pesquisadores de dança, arte sonora, filosofia, performance, poesia, arte midiática, teatro e circo. Trocamos saberes respeitando as diferentes perspectivas acadêmicas e artísticas e empoderando as mulheres ao romper com pensamentos, ações e estruturas decorrentes de preconceitos étnico-raciais e de gênero.

poder se referir tanto ao formato de uma mesa, quanto à disposição de pessoas em seu entorno. *A-round table* foi uma improvisação na qual nos reunimos para um café da manhã filosófico para abordar o tema da presença. A gravação da performance está disponível no youtube e este texto apresenta diversos pontos de conexão, por meio de hiperlinks, a momentos específicos da performance que abordamos.

Aqui propomos uma escrita performativa que surgiu dessa improvisação e apresentamos monólogos interdisciplinares sobre presença, em interação virtual, a partir dessa experiência compartilhada. Esses monólogos constituem um diálogo interdisciplinar em grupo, ao apresentar diferentes perspectivas, aspectos e conceitos a partir de uma interação artístico-conceitual. Você, leitor, está convidado a atuar conosco na leitura e na reflexão sobre as questões, imagens e sons propostos por cada uma de nós. Ivani Santana aborda (1) improvisação e prontidão para agir; Lígia Tourinho fala sobre (2) os paradoxos do corpo e as ausências na experiência artístico-performativa; Nara Figueiredo apresenta (3) narrativas internas e a experiência da presença na produção participativa de sentido; Ana Emerich (4) aborda a impermanência como ato de improvisação; Walmeri Ribeiro refere-se (5) à política dos afetos e à experiência de convivência; Tânia Marin Pérez fala de (6) corpos na mediação; e Líria Morais fala sobre (7) a presença perturbadora do inesperado.

Em nossas considerações finais, destacamos a presença de dispositivos tecnológicos como ferramentas para intermediar nossa conexão. Uma conexão que ocorre não apenas pela geração de imagens digitais, mas também em nossa composição, evidencia o fato de que, sem esses dispositivos, nosso encontro não teria sido possível. Concluimos que nesses encontros virtuais há tendências opostas de estarmos absolutamente presentes naquela cena “digital-real” ou de estarmos totalmente imersas em nossas próprias narrativas. Nossa conexão ocorre entre esses extremos.

**(1) “\_ IN PROMPTU texto-pele”**

IN PROMPTU (latin) = estado de atenção, pronto para agir. IN (“em”) + PROMPTUS (“prontidão”). *A-Round Table* é uma experiência partilhada de estratégias de improvisação. Estímulos são içados da ação de uma mulher, funcionando para a outra como elemento de ignição. Pode ser pela [cor da manga e outros alimentos que se tornam pontos de relação](#), ou o [áudio feedback](#) que pode se tornar um elemento criativo para umas ou uma [perturbação para outras](#). Improvisar é esse [estado de atenção que nos deixa prontas para agir com aquilo que nos afeta pelo sistema em nossa possibilidade sensório-motora e afetiva](#). Propomos então uma tradução intersemiótica (PLAZA, 2008) desse texto escrito por corporeidades, sonoridades e visualidades. Um “texto-pele” porque nossas reflexões sobre a presença na improvisação não têm como ser colocada apenas em palavras. Trata-se de um conhecimento corporalizado para ser observado, refletido e discutido na e com a experiência. Isto não significa ficarmos impedidas de falar sobre o tema, muito pelo contrário, a questão é o “como” abordar o assunto. Importa aqui falar “com” e “pela” improvisação, e não “sobre” a mesma. Interessa tratar dos nossos corpos de mulheres latinoamericanas, levando em conta nossa cultura e nosso próprio modo de fazer. É trazer para a improvisação e para o texto uma *aesthesis* (MIGNOLO, VÁZQUEZ, 2013) que busca uma decolonização do sentir buscando nos descolar das estéticas do norte, mas sem desconsiderá-las. O que oferecemos é pela e a partir da nossa experiência dessa percepção/ação (NOË, 2004) performativa construída de forma compartilhada. Sabemos que nossa ação impactará no desenrolar do processo, pois se trata de um sistema dinâmico complexo, uma relação co-dependente que se instaura no próprio caminhar, no exato momento de estar se fazendo presente. Um mundo de possibilidades que se organizam pelo [nosso acoplamento com a própria tecnologia](#) que, como a guia do cego, se torna nossa forma de adentrar nesse mundo de interações.

## **(2) “\_E uma experiência Artístico-performativa”**

A experiência artístico-performativa cria existências que ganham completude por meio das ausências manifestas. As presenças em um ato performativo se materializam em parte por suas ausências. Aquilo que não está ali faz com que o

que está presente seja consumado. As ausências são preenchidas pelo mundo interior daquele que testemunha a performance artística. E quem assiste passa a manifestar presenças resultantes da imaginação que completa a tríade performativa - as performers, a encenação e o/a espectador/a. A presença manifesta na cena é a resultante deste paradoxo.

“What is true of the experience of the work of art is true of human experience quite generally. The world shows up for us in experience only insofar as we know how to make contact with it, or, to use a different metaphor, only insofar as we are able to bring it into focus. One reason why art is so important to us is that it recapitulates this fundamental fact about our relation to the world around us: the world is blank and flat until we understand it.” (NOË, 2012, p. 2).

Performar em tempos pandêmicos, em meio a conexões virtuais e plataformas de streaming, nos coloca diante de novas camadas e novos estados de presença. Novas lacunas se apresentam para serem preenchidas. [O corpo nessa nova condição carrega a concretude da presença cênica convencional da caixa preta. A presença atual se institui pela ausência do estado vibrante do corpo dentro da caixa cênica repleta de pessoas, presenças aglomeradas e pulsantes.](#) Na ausência da presença cênica convencional, aquele estado vibrante do corpo dentro da caixa cênica sendo visto por uma plateia repleta de pessoas, presenças aglomeradas e pulsantes, afirma no corpo uma nova condição, e sua ausência define a concretude daquele estado hoje distante. A lembrança deste estado de corpo cênico nos dá base para desvelarmos uma atualização na qualidade de presença frente ao novo contexto - a casa como espaço performativo, a solidão da sala e da cozinha, o espaço íntimo do cotidiano se atualizando como caixa cênica frente a uma convivência mediada pelas tecnologias. Como afirma Noë, [presence is manifestly fragile](#) ( 2012, p. 2).

### **(3) Experiencing participatory sense-making<sup>4</sup>**

---

<sup>4</sup> Conceito desenvolvido por De Jaegher & Di Paolo (2007). Ver também Di Paolo, Cuffari & De Jaegher (2018).

Ivani diz "[Presença. Presença...](#)". Há eco em sua voz. A sensação das palavras ecoando me causa surpresa. Deve ser um efeito intencional e curto, penso eu. Que esperto!

"Presença de quê? De quem?" Eu pergunto. O eco continua com minha própria voz. Me ocorre que pode não ser intencional. Isso me causa aflição. Eu me pergunto: Qual é a razão para esse efeito sonoro indesejado? O que devo fazer, dada essa situação inesperada? Vai parar, eventualmente? Alguém fará algo a respeito? Posso fazer algo a respeito? Será que alguém está provocando isso intencionalmente por tanto tempo? Devo apenas relaxar e deixar acontecer? São momentos de uma micro-ansiedade.

Enquanto isso, águas profundas aparecem. "Improvisar! Im... Im-pro-vice.", diz Ivani. Isso é uma resposta para minha pergunta? Eu reajo com um sorriso porque creio que seja. Ela pode estar me dando uma dica. Depois de mais um segundo de reflexão, chego à conclusão de que devo aceitar a situação e me deixar se envolvida por ela. A resposta a qualquer uma das minhas perguntas não importa. "Eco! Isso ecoa! Ecoa", digo, tentando ao mesmo tempo certificar-me de que ela percebeu a situação e participar da dinâmica verbal que acabava de começar - afinal, o eco também pode ser tomado como uma dinâmica na improvisação, como quando se 'ecoa' o movimento ou ação de outra pessoa. Ela diz "Ha, o quê?". Novamente: É uma resposta para mim? A fonte do som parece diferente. Provavelmente não é uma resposta para mim. Acho que ela pode estar falando com outra pessoa, ou fazendo outra coisa. Improvisando. Decido [sentir a água e respirar](#).

Eu estava presente?<sup>5</sup>

#### **(4) MAPA**

##### **MAPA**

##### [ma.pa](#)

I) Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

II) Desenho de território. Representação gráfica, em escala reduzida, da superfície total ou parcial da Terra, de uma região, ou mesmo de um espaço mínimo.

---

<sup>5</sup> Ver Santana et.al. (2020) para uma definição do caráter fenomenal da presença.

III) Imaginário das coisas que nos entram pela boca e das palavras que nos faltam diante das políticas socioambientais do país. Como sons domésticos e nomes tóxicos compõem traços e desvios, escapes e imagens? O corpo é uma boca que falha com alimentos invisíveis que rumina.

Sustentar impermanências parece ser um ato de improvisação, uma escolha por perceber gestos e escritas dos corpos no espaço (da cena e do papel), em constante movimento de composição e desaparecimento. Nesta condição de presença, participam o desejo das coisas, as imagens efêmeras, os instantes improváveis: *“Uma presença como um canto súbito, como a voz do vento cantando no incêndio”* (PAZ, 2009). Escutar é quietude porque convida o corpo à uma certa paragem, uma *fermata*<sup>6</sup>. E há muito já sabemos, com John Cage em [4'33”](#), que o silêncio não existe. Escutar é também um estado latente – nem alerta, nem passivo. Um estar concentrado e disponível para o que se passa nas estruturas tempo-espaço, quando abrem-se os ouvidos a uma gama de achados não absolutos. Por isso, o imprevisível de *performar* a escuta de si e para além de si – como um movimento em que singularidade e contágio estejam em constante diálogo – parece ser uma brecha para entendimento dos ritmos, das intensidades e das perspectivas em improvisação. Da criação de estados transitórios e inventivos, quer nas ações cotidianas, quer nos trabalhos artísticos.

**24bits/ 44.1 kHz.** Uma presença quando chega ao chão, [respira](#). Do corpo ninguém passa.

## (5) AFFECTS

*“we are all in on the event together, but we’re in it differently.*

---

<sup>6</sup> Na grafia musical, *fermata* é um símbolo colocado sobre uma nota, uma pausa ou uma barra de compassos, indicando a manutenção do som no ar, no limite de uma indeterminação temporal. Neste sentido, um gesto de escape à partitura.

*We each come with different set of tendencies, habits and action potentials. That's what I mean by differential attunement: a collective in-bracing in the immediacy of an affective event..."*

Massumi, 2015

Inquietações que emergiram durante a tessitura de nossas experimentações lançaram-me à leitura do livro "Politics of affect" (MASSUMI, 2015) e, de imediato, ao capítulo "Affective attunement in the field of catastrophe". Estarmos juntas em uma experiência de criação, A-round Table, buscando dar sentido ao conceito de presença, a partir de uma improvisação performativa, aguçou o desafio de pensar sobre o ato de afetar, no sentido Spinoziano do conceito. Um conceito relacional, que traz consigo a dimensão de todas as atividades realizadas, sejam elas subjetivas e/ou objetivas. Afetar e ser Afetado. Um movimento contínuo de modos de existência e co-existência.

Em tempos de catástrofes e [emergências](#), ouvir uma lista de nomes de [agrotóxicos](#), aprovados pelo governo brasileiro, nos coloca em estado de alerta (seria presença o melhor conceito?). Milhares de agrotóxicos presentes em uma simples banana, em uma manga, no tradicional cafezinho brasileiro.... Agrotóxicos que percorrem nosso corpo, órgãos, sangue, contaminam os rios, mares, e todos os organismos vivos e viventes, como a terra. Agrotóxicos que, assim como nós, deixam seus rastros por onde escorrem. Respiramos, ainda que submersas, em meio aos rastros que lançamos no mundo. Rastros, ainda que não tão visíveis aos olhos, mas, sim, sentidos pelos corpos aprisionados.

Mas, de qual presença estaríamos então falando? Seria presença ou uma política dos afetos a nossa questão? Me parece que estamos caminhando na discussão de como potencializar a ecologia dos afetos e a força de um acontecimento.

Um acontecimento que se dá na potência do encontro. Um encontro que, por sua vez, é capaz de nos mover à mudanças paradigmáticas nos nossos modos de ser, ver, construir e habitar mundo.

## **(6) Presença deslocada - conexão na distância aberta por dispositivos tecnológicos**

Antes e depois de tudo, comida e café

Acordar...

Cada uma em local diferente... Casas que habitamos, ou não, nos acolhem hoje, e nos levam até uma sala virtual que nos conecta sem sair de casa. Cada corpo, fisicamente presente num território específico, percebe-se expandido digitalmente e, dessa forma, o *eu*, nas telas, vira também um *outro*. Através de câmeras e microfones que conectam corpos e telas dispersas entre Uruguai e Brasil, nos encontramos no refletir-fazer que estamos performando: "[Bailo com meu corpo, entendendo que é um corpo construído em relação com a tecnologia... tecnologia que potencializa, que limita, que restringe. Mas sempre alguma coisa limitará ou restringirá](#)" (Ivani disse).

O encontro no território digital tem suas próprias regras, suas trilhas e fronteiras. "[Eu agora estou cooperando e criando sentido comigo mesma. Com a microfonia que surge entre a minha fala... por um dispositivo que repercute no outro... no outro... no outro...](#)" (Ivani disse). Cada ferramenta tem suas habilidades e restrições. Nossas presenças nas telas se dão pelas imagens dos corpos, pelos sons emitidos (no momento ou pré-gravados), e também na construção da imagem como um todo. O enquadramento de cada uma permite ver partes do espaço e, ao mesmo tempo que mostra, deixa a certeza de que não se consegue ver tudo o que está nele. O que aparece e o que não constrói o conjunto de quadros juntos. Silêncios, quietudes, alimentos, sons, danças, palavras, corpos que se sacodem, barulhos por momentos (in)suportáveis... Convergências atravessadas e propiciadas por dispositivos tecnológicos.

Tecnologias, facilitadoras deste encontro, aparecem como olhos e ouvidos que emergem no espaço que habitamos, muitas vezes invisíveis, mas por momentos [evidenciados](#). A presença dos dispositivos como ferramenta que medeiam a conexão que se dá não só na geração das imagens, mas também compondo com ela, evidenciando o fato de que, sem eles, este encontro não teria sido possível.

Antes e depois de tudo, comida e café

mastigar - engolir - digerir - processar

## (7) “\_Perturbação”

A presença **perturbadora** atravessa, desarmoniza, cria capturas inevitáveis e/ou desvios do combinado na improvisação da vivência em tempo real. Na perspectiva do(a) performer improvisador(a), pode estar atrelada ao compartilhamento de uma determinada sensação que impregna os sentidos de quem esteja realizando a ação, ou seja, do(a) próprio(a) performer de modo muito intenso e, portanto, perturbador, aos sentidos também de quem assiste. A ação de chupar uma manga, por exemplo, pode causar uma determinada sensação pelo gosto, cheiro, textura, etc., que se sente, criando imagens sensórias (DAMÁSIO, 2002) para o performer no ato de sua poética, provocando em quem assiste sensações similares. São ativados os neurônios espelhos (LAMEIRA, GAWRYSZEWSKI, JR., 2006), como se ambos, capturados pelo estado da ação de chupar uma manga, performer e público estivessem realizando a mesma [ação... ação ... ação.](#)

Enquanto o(a) improvisador(a) se move, as nuvens do céu, as ondas do mar e a sua circulação sanguínea se movem, no tempo presente, sem controle voluntário. O dar-se conta desses acontecimentos enquanto se performa, gera também a criação de uma poética que acompanha um determinado fluxo da presença latente das coisas ao redor. Se a improvisação é na rua, no contexto urbano, há ruídos e fluxos sociais como um modo fragmentado de estar no mundo. A conexão, com determinados desvios do combinado, pode ser motivo improvisatório. A presença perturbadora nesse caso, é aquela que interrompe provocando uma crise no [sistema](#), sugerindo que algo se reorganize em uma atualização, rumo a uma evolução... conversas interrompidas, vozes que falam mais alto, pessoas que aparecem muito, desarmonizam, provocam uma nova direção...

Como achar a ética do combinado para preservar o convívio em acontecimento, em tempo real? Isso sempre é um assunto que permeia as práticas do jogo *AND* (FIADEIRO, EUGÊNIO 2013), mas mudar de ideia sem considerar os outros é desarmonizar a sintonia? Ou é gerar motivos e [ruídos](#)? Sobre o que as

paredes e as ruas dizem sobre isso? Sempre me fazem esperar outras coisas durante a dança... Combinaram outra coisa nessa mesa de café...

### **Construímos o caminho ao caminhar**

Um acontecimento se dá na potência do encontro. O encontro, por sua vez, é capaz de nos mover a mudanças paradigmáticas nos nossos modos de ser, ver, construir e habitar o mundo. Performar em tempos pandêmicos, em meio a conexões virtuais e plataformas de streaming, nos coloca diante de novas camadas e novos estados de presença. Novas lacunas se apresentam para serem preenchidas. A presença dos dispositivos como ferramenta que intermediam a conexão que se dá não só na geração das imagens, mas também compondo com ela, evidenciando o fato de que, sem eles, esse encontro não teria sido possível. O encontro e as palavras que se conectam criam rastros ruidosos já que há entaves e aberturas de uma presença compartilhada entre vários faróis de ideias nessa performance. A mesa está posta, a mesa é refeita na medida em que as pessoas presentes passam juntas a partilhar seus cafés, suas possibilidades de oferecer sua própria realidade e qualidade de presença. Uma conversa tem surpresa, tem encontro, concordâncias, atritos, atravessamentos, harmonia, sintonia, perturbações... A presença perturbadora sugere que algo se reorganize rumo a uma evolução. Mas isso significa desarmonizar a sintonia? Ou seria gerar motivos? Da criação de estados transitórios e inventivos performar com o imprevisível é um movimento em que singularidade e contágio estão em constante diálogo. Nesse fazer, buscamos formas de estar presentes, de nos fazer presentes umas às outras, de pré-sentir o que está por vir e, com isso, agir. Um sistema dinâmico complexo que, portanto, não é uma somatória de presenças ou de movimentações, mas uma relação co-dependente que abarca dissensos e se instaura no próprio caminhar, no exato momento de estar se fazendo presente. Podemos nos sentir presentes ou ausentes em uma conversa, ou na tela de uma plataforma digital. Podemos estar presentes intensamente nos acontecimentos ou imersos em nossas próprias narrativas. Podemos também estar ausentes fisicamente e presentes em rastros, em objetos, em lembranças daqueles que fisicamente nos mencionam, nos evocam

a presença sem que saibamos. Falar sobre isso é um tanto impreciso e desautorizado pela necessidade de se fazer presente. Mas há afinações da presença, inegáveis, em uma conexão de mulheres.

## Referências bibliográficas

DAMÁSIO, Antônio. O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DE JAEGER, H., & DI PAOLO, E. (2007). Participatory sense-making: An enactive approach to social cognition. *Phenomenology and the Cognitive Sciences*, 6(4), 485–507. <https://doi.org/10.1007/s11097-007-9076-9>

DI PAOLO, E., CUFFARI, E. C., & DE JAEGER, H. (2018). *Linguistic Bodies: The Continuity Between Life and Language*. MIT Press

FIADDEIRO, João. EUGÊNIO, Fernanda. O jogo das perguntas. Lisboa: Ghost, 2013.

LAMEIRA, Allan Pablo. GAWRYSZEWSKI, Luiz de Gonzaga. Jr., Antônio Pereira. Neurônios Espelho. *Psicol. USP* vol.17 no.4 São Paulo 2006. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642006000400007](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642006000400007) acesso em 16 dez 2020.

MASSUMI, Brian, *Politics of Affects*, Polity Press, 2015

MIGNOLO, Walter; VÁZQUEZ, Rolando. Decolonial AestheSis: Colonial Wounds/Decolonial Healings. *Social Text: Periscope*, p.1-18, New Haven, 2013. Disponível em: [https://socialtextjournal.org/periscope\\_article/decolonial-aesthetics-colonial-woundsdecolonial-healings/](https://socialtextjournal.org/periscope_article/decolonial-aesthetics-colonial-woundsdecolonial-healings/). Acesso em: 28 out. 2020

NOË, Alva. *Action in Perception*. Cambridge, MA: MIT Press, 2004

\_\_\_\_\_. *Action in Perception*. Cambridge, MA: MIT Press, 2012

\_\_\_\_\_. *Varieties of Presence*. London: Harvard university Press, 2012.

PAZ, Octavio. *Piedra de Sol/Pedra de Sol*. São Paulo: AnnaBlume Editora, 2009. Versão bilíngue. Tradução de Horácio Costa.

PLAZA, J. Tradução intersemiótica. São Paulo: Perspectiva, 2008.

SANTANA, I. ; TOURINHO, L. ; MORAIS, L. ; RIBEIRO, W. ; PARTESOTTI, E. ; FIGUEIREDO, N. M. ; PEREZ, T. M. . Mulheres da Improvisação (MI): Ações e Reflexões Sobre Presença Frente aos Desafios Contemporâneos.. In: Vanilton Lakka; Daniela Guimarães; Dulce Aquino; Clécia Queiroz; Valeska Alvim; Alysson

Amâncio. (Org.). Os Desafios Pandêmicos e Outros Modos de Re-existências Nas Artes. 1ed.Salvador: ANDA, 2020, v. 1, p. 94-138